

A ESCRITA DE GUIDO ALCALÁ E A LITERATURA LATINO-AMERICANA NOS ANOS DE 1970

GUIDO ALCALÁ'S WRITING AND THE LATIN AMERICAN LITERATURE IN THE 1970's

Lorena Zomer¹

RESUMO: O jornalista e escritor paraguaio Guido Rodriguez Alcalá iniciou a sua escrita nos anos de 1960, entretanto, é a partir de meados de 1970, após várias viagens pela Europa e pelos Estados Unidos, que passou a escrever diversos contos acerca do cotidiano paraguaio e antologias sobre a escrita paraguaia. Em geral, todas as publicações preocupam-se ou com a história política paraguaia ou com a ditadura militar de Stroessner, sofrida diretamente pelo periodista. O que objetivo nesse artigo é analisar a relação do estilo de escrita latino-americana que estava se desenvolvendo com a literatura de Guido Rodriguez Alcalá, ao mesmo tempo em que trabalho ideias sobre dois contos, chamados *La session de la OEA* e *Memorias de una sindicalista*. Esse estudo é importante, em especial, em um contexto de revisões historiográficas sobre um passado ainda recente, porém com muitos temas ainda a compreender e a analisar e, especialmente, como podem modificar ou contribuir com a memória da ditadura militar paraguaia.

Palavras-chave: Ditadura Militar Paraguaia; Memória; Literatura.

ABSTRACT: The Paraguayan journalist and writer Guido Rodriguez Alcala began writing in the 1960s, however, is from the mid-1970s, after several trips to Europe and the United States, who went on to write several stories about the Paraguayan daily and anthologies on Paraguayan writing. In general, all of his publications are concerned or with the Paraguayan political history or the military dictatorship of Stroessner, suffered directly by this journalist. What I objective in this article is to discuss the relationship that can be established between the Latin American writing style that was developing in Latin America, with the Guido Rodriguez Alcala's literature, in the same time I work with two conts, called *La sesion de la OEA* and *Memorias de una sindicalista*. This study is important, especially in a context of historiographical review on a still recent past, but with many issues still to understand and analyze and especially how they can modify or contribute to the memory of the Paraguayan military dictatorship.

Keywords: Paraguayan Military Dictatorship; Memory; Literature.

¹ Doutoranda em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Docente do Curso de História na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). E-mail: lorenaazomer@hotmail.com

Introdução

Quando Alfredo Stroessner assumiu o governo, o Paraguai já era um país marcado por uma política conturbada, com problemas sociais, culturais, econômico, com alto índice de emigração para os países vizinhos, com alta inflação e baixo crescimento do PIB, especialmente no início da década de 1950 (MIRANDA, 1990, p. 116). Em relação à emigração, Evelin Welbach afirma que o exílio já era uma prática comum antes do governo de Stroessner (WELBACH, 2012, p. 2). Além do período relacionado à Guerra do Chaco e à Guerra Civil de 1947, as políticas impostas anteriormente também limitavam a população paraguaia ao seu desenvolvimento social, ou seja, igualdade de direitos, de trabalho ou mesmo acesso a serviços públicos de qualidade. Ceres Moraes e Evaristo Colmán afirmam que no ano de 1956 a concentração de propriedades de terras predominava na posse de poucos proprietários, pois cerca de 85% do território paraguaio pertencia a 1549 proprietários, os quais praticavam, em sua maioria, a pecuária extensiva e a derrubada de florestas em parte do país (COLMÁN; MORAES, 2011). Mais de 70% de pessoas, também dependentes do trabalho da terra, não possuíam propriedades, fator determinante para evidenciar a desigualdade social no país. Não obstante a essa realidade, as técnicas de agricultura de subsistência dos pequenos produtores necessitavam ser modernizadas, já que os processos artesanais de produção não garantiam o sustento dessas famílias, tornando-as dependentes dos grandes produtores.

Ao considerar as características sociais, culturais e políticas desse contexto é possível compreender parte da narrativa de Guido Alcalá a qual transita pela fragilidade da democracia e dos direitos sociais no Paraguai. Em um primeiro momento, independentemente do modo como os governos de 1870 a 1936 foram direcionados, certamente os acontecimentos após o ano de 1937 marcaram muito mais a memória da história (recente) paraguaia. Nesse sentido, a escrita de Alcalá deve ser vista e discutida como tentativa de compreensão de parte da realidade paraguaia e como colaboração para a historiografia de seu país. Não obstante, seu gesto da escrita é uma reação contra a ditadura, no intuito de rearticular a história política do país e, ao trazer à tona esses períodos, conscientizar o público leitor a fim de evitar que o então atual governo não desencadeasse no Paraguai mais problemas sociais, culturais e econômicos ou que ofuscasse a ação dos que lutaram contra a ditadura de Stroessner. Além disso, é possível perceber nas narrativas de Alcalá o modo como descreve o cotidiano paraguaio, tanto durante as suas viagens como também nos períodos em que escreveu em Assunção.

É interessante observar em *Ideología Autoritaria* – um livro lançado por Alcalá no ano de 2007, cujo objetivo é apresentar a ideia de que o Paraguai viveu quase toda a sua história entre os séculos XIX e XX submetido à ditaduras e à golpes de Estado – o lapso de tempo de sessenta e seis anos de governo do partido liberal, entre 1871 a 1937. Esse fato levanta os seguintes questionamentos: será que o governo liberal – ao qual tradicionalmente a família de Guido Rodriguez Alcalá era partidária e, portanto, também o “berço” político de Alcalá – realmente teve o intuito de modificar a realidade? Não teria o partido Liberal também se aproveitado da falta de estrutura econômica, social e política no período em que esteve no poder? É difícil afirmar se essas questões podem ser respondidas. Nesse sentido, é importante considerar que a ação de incluir a produção literária de outras/os referente aos anos de 1970/1980, incentivando a literatura nacional em um período ditatorial pode ser analisada como reação à história política culturalmente ditatorial do Paraguai, ainda que tradicionalmente o partido apoiado pela família de Alcalá pudesse ter colaborado com a situação enfrentada pelo escritor – e outros – no período de Stroessner.

Guido Alcalá e a literatura no período ditatorial

O desejo de Alcalá em promover e em difundir a literatura no Paraguai pode ser percebida também como uma espécie de sentimento de dever, como expressa o eu-lírico em “Arte poética”, primeiro poema de *Leviatan et cetera*:

El dios Apolo llegóseme y me dijo:

-A ti, el más humilde de mis hijos
te ha cabido la gloria (la tarea)
de enumerar las miles de batallas
del hombre por la vida y su escenario;
pacientemente anota
el paso de la lluvia sobre el aire
el amor de las múltiples mujeres
las generaciones y los barcos
las amapolas rojas y las sangres.

A ti se te encomienda
la guía de teléfono divina
que registre los números oscuros
direcciones remotas y los nombres
de pueblos apagados y suburbios
las bodas y las muertes sospechosas
en Paraguay, en Chile, en Argentina (ALCALÁ, 1981, p. 9).

O poema representa uma relação com os fatos ocorridos no Paraguai ao longo do período discutido e, ao mesmo tempo, é possível perceber preocupações e intenções em criticar e denunciar as atitudes tomadas pelos militares, os quais seriam os responsáveis pelas mortes, perseguições, etc. Não pretendo dizer com essa afirmação que toda a escrita de Alcalá está calcada em acontecimentos, dados ou nomes reais, mas que sua escrita seguiu processos vividos e/ou imaginados inscritos em sua memória, uma ideia que pode ser ancorada em uma perspectiva de Aristóteles, pois, de acordo com este “as produções trágicas ou cômicas são criações que representam as atitudes humanas, ou seja, imitam situações, pensamentos, sentimentos, atos e palavras que fazem, ou podem fazer, parte da vida humana” (ARISTÓTELES, 2000). Obviamente, o conceito de verossimilhança é mais contundente no que se refere à análise de contos, em especial para essa pesquisa, mas a questão é que a literatura produzida por Alcalá faz parte do seu contexto e de sua trajetória e, portanto, de uma memória da ditadura militar paraguaia.

Em *La poesía y la novela en el Paraguay en los últimos años* (ALCALÁ, 1981, p. 9) Alcalá afirma que a poesia paraguaia já despontava na década de 1960, apoiada em princípios existencialistas (ALCALÁ, 1981, p. 9) e estava preocupada com a situação política do país. Nessa direção havia o grupo fundador da revista argentina *Criterio*, baseado nas influências do Movimento de 1968, na busca pelos direitos civis, pelo desenvolvimento econômico, e defendia o intercâmbio de ideias e de pesquisas universitárias com outros países. Compreendo desse contexto, ao perceber que Alcalá se refere a debates “mundiais” como o Movimento de 1968, uma preocupação em elevar ou mesmo em firmar o Paraguai no cenário literário mundial, embora este passasse por problemas econômicos e sociais, em consonância ao que se passava em outros países. Esse posicionamento, provavelmente tem relação com as viagens feitas por Alcalá (ALCALÁ, 2014), o contato com exilados/as possibilitando a troca de experiências além das conhecidas no Paraguai até então. Essa leitura se intensifica ao retomarmos as palavras do escritor: “Aunque las condiciones hayan sido muy distintas en los países donde dichos movimientos contestatarios tuvieron lugar, puede hablarse del carácter internacional y de la unidad de la contestación – sin desconocer por ello las diferencias particulares” (ALCALÁ, 1981, p. 174).

Alcalá finaliza *La poesía y la novela en el Paraguay en los últimos años* explicando que:

La situación política, social y económica no ha favorecido el desarrollo fecundo de la literatura en el Paraguay, en lo que va de 1960 a 1980. Debido a la incertidumbre política, la carencia de estímulos y la insuficiencia de

medios, el bajo nivel educacional y económico de una gran mayoría, la producción literaria ha sido deficiente, si se la compara con la de otros países latino-americanos; no ya con la de los más grandes (México, Brasil) sino con la de los pequeños como Costa Rica... Es imposible hacer predicciones, pero es lógico suponer que un mejoramiento de la situación política, social y económica, proporcionará la base sin la cual no puede haber una literatura nacional sólida².

Essa reflexão permite perceber a preocupação em produzir uma literatura de “engajamento” com o propósito de representar a literatura contemporânea paraguaia, assim como fomentar uma consciência questionadora da realidade ditatorial de seu país. Ao mesmo tempo, embora houvesse as repressões próprias da ditadura militar imposta pelo Partido Colorado, Alcalá (re)agiu por meio da escrita. E para Alcalá somente uma abertura democrática permitiria transformações maiores na literatura paraguaia, ou seja, mais liberdade de escrita e de publicação, estreitamento de laços com outras correntes literárias e, talvez, a própria recepção das obras seria maior, visto que se trata de um país com pouco incentivo à leitura, agravado pelo alto índice de analfabetos. Justamente por esses motivos é que os contos escritos a partir da década de 1980 tornam-se possíveis fontes para compreender a memória da ditadura militar paraguaia e colaboram na narrativa da historiografia paraguaia. Ainda sobre o contexto, de acordo com Guido Alcalá: “[...] na época dos anos 70 era a época do *boom* literário latino-americano. Em França, tenho (tinha) um amigo paraguaio, Juan Barion Saier, também aí estavam Cortázar, García Marques, Carlos Fuentes. E eu queria conhecer esse ambiente literário, porque, sim, aqui havia muito pouca comunicação...[...]” (ALCALÁ, 2008). Suas inquietações fizeram com que buscasse novas/outras discussões literárias, não somente a partir do convívio com amigos ou conhecidos, mas também por meio de cursos realizados. Entretanto, o que seria esse processo chamado de *boom* literário?

Em relação ao *boom* referido pelo escritor, trata-se de um movimento no qual os padrões de escrita literária foram contestados a fim de inovar e criar novos gêneros. De acordo com José Danoso, houve uma mudança em relação aos temas das discussões literárias (DANOSO, 1998), ou seja, assuntos regionais ou sobre costumes e tradições deixaram de ser os *leitmotivs* para que uma ideia de movimento literário latino-americano fosse desenvolvida

² Idem, p. 184-185. A situação política, social e econômica não tem favorecido o desenvolvimento fecundo da literatura no Paraguai, entre 1960 a 1980. Devido à instabilidade política, a carência de estímulos e a insuficiência de meios, o baixo nível educacional e econômico de uma grande maioria, a produção literária tem sido insuficiente, se comparada com a de outros países latino-americanos; não com a de dois dos maiores (México e Brasil), senão com a dos menores como Costa Rica. É impossível fazer premeditações, mas é lógico supor que o melhoramento da situação política, social e econômica, proporcionará a base sem a qual não pode haver uma literatura nacional sólida (ALCALÁ, 1981, tradução nossa).

em um âmbito maior, o da América Latina. É importante ressaltar que as características e temáticas regionais não foram esquecidas; porém, houve uma aproximação do campo intelectual junto ao popular, no intuito de evitar a internacionalização da cultura ao passo que se fortalecia – ou se definia – uma escrita latino-americana.

De acordo com Paloma Vidal (VIDAL, 2004, p. 31), os artistas e os escritores se apropriaram do cotidiano, do real e do que já era conhecido a fim de formarem, juntos, um novo movimento literário, diferente do europeu e do norte-americano. Nesse contexto, o que acontecia de mais marcante politicamente no Cone Sul – e em outras regiões da América do Sul e Central – eram as ditaduras militares apoiadas pelos Estados Unidos e, por isso, a ideia de uma literatura politicamente engajada passa a ser sinônimo da escrita latino-americana, já que precisava se definir enquanto tal, ao mesmo tempo em que se mostrava “resistente”. A literatura latino-americana nesse contexto é também um gesto revolucionário ao trazer à tona a realidade sobre os processos políticos ditatoriais do Cone Sul.

No que diz respeito à função política que a literatura deve ou não promover, Antônio Callado afirma que a chamada “arte pela arte” existe (CALLADO, 2000, p. 47-48), considerando ainda que o artista pode viver em uma “torre de marfim”, ou seja, visualizar a sociedade, podendo interferir e discutir sobre os seus problemas apenas quando desejar. Entretanto, segundo o crítico (CALLADO, 2000, p. 47-48), os escritores latino-americanos – dos períodos ditatoriais do século XX – viviam ou saíam em exílio de um contexto com problemas econômicos, sociais e, devido a esses aspectos, tinham como função social problematizar ou refletir sobre o que estava errado em seus países. Além disso, também deviam anunciar os diferentes modos de governo, de educação e de uma cultura que proporcionasse e defendesse a liberdade e a igualdade, até então não encontradas em seus respectivos países.

Não obstante, pontuo que a ideia de uma função social no que diz respeito à atuação dos escritores desse contexto não representa todo o movimento literário de meados do século XX. Para Luis Bras, em “Crítica é cara ou coroa” (BRAS, 2011) todo livro é um ato político e a crítica literária, por sua vez, define se possui uma boa essência, se merece um lugar de prestígio ou se é apenas mais um entre tantos outros. O que quero dizer, pautada nas ideias de Luis Bras, é que um livro não tem essência e, de acordo com o tipo de civilização (de cultura) que defende, poderá ter ou não reconhecimento, ter ou não boa recepção (BRAS, 2011). Nesse caso, é possível apontar que os livros escritos no período de 1950-1980 tinham cunho político, mas não há como (nem se deve) afirmar que isso seria a essência dessa escrita latino-

americana. Outra discussão interessante cotejando Bras e Alcalá está relacionada ao ensaio *La poesía y la novela en el Paraguay en los últimos años* (1960-1980), organizada pelo escritor paraguaio com o intuito de demonstrar o que havia de melhor na escrita paraguaia do contexto. Mas, pergunto-me qual era o objetivo de Alcalá ao organizar tal edição? Qual o reconhecimento ou prestígio desses escritores? Almejava mostrar a literatura como uma área consciente culturalmente a fim de questionar o governo stronista? Ou essa publicação está relacionada a um movimento ou disputa literária?

Alcalá aponta no ensaio que objetiva fazer “un balance de la literatura paraguaya en los últimos veinte años (1960-1980), indica que ésta no alcanzo el nivel de la de otros países latino-americanos. En efecto, el Paraguay es pobre, y su aislamiento geográfico se ve agravado por el de un sistema político obscurantista”. Entretanto os últimos cinco anos teriam vivenciado um tempo profícuo no que se refere à escrita literária paraguaia e, ao citar nas páginas seguintes quem seriam os precursores da literatura mais contemporânea sempre os liga a episódios da ditadura militar, referindo-se a eles como perseguidos, exilados ou mesmo calados, como transparece a seguinte citação: “la comunicación se ve favorecida por el aflojamiento de la censura a mediados del sesenta. Sin embargo, la represión política recrudescer en la década del sesenta, a escala continental. Esto destruye, entre otras cosas, la posibilidad de crear una tradición poética continuada en el Paraguay – como en otros países”. Apesar das condições coercitivas presentes em um contexto ditatorial, o que essa citação traz à tona é uma das principais finalidades do incentivo à escrita paraguaia, a contestação da ditadura do país ao passo que buscavam também a formação de uma ideia ou corrente literária genuína.

Antônio Callado pondera que os escritores que viveram e compartilharam outras experiências para além de seus países deveriam atuar como “provas das ruínas” (CALLADO, 200, p. 47-48), isto é, (de)mostrar aos leitores, àqueles que permaneceram no (ou que não foram obrigados a partir do) país, o que havia lá fora e, principalmente, questionar as ordens políticas vigentes na América Latina. De acordo com Paloma Vidal, Júlio Cortázar seguia nessa direção quando afirma que “uma vez que o enriquecimento das formas literárias de um povo acarreta o enriquecimento de sua noção de realidade, contribui para conscientizá-lo de sua condição” (VIDAL, 2004, p. 26). Um conhecimento que apenas seria possível se os escritores o registrassem, a partir do momento em que se sentissem responsáveis pela escrita daquilo que vivenciavam, abandonando, portanto, a “torre de marfim”, permanecendo na

realidade social e cultural, sobre as quais também refletiam. Para tanto, o conto se tornou um importante espaço de criação.

Os contos e o cotidiano paraguaio em tempos de Stroessner

É nos anos de 1970 em que Alcalá se dedicou à escrita e também foi nesse período que conviveu ou foi influenciado por outros escritores, como Júlio Cortázar, Gabriel García Márquez e Carlos Fuentes. Trocas e influências que tornam possível fazer uma análise sobre a relação entre sociedade e literatura, a partir dos contos e gênero aos quais se dedicou entre o fim dos anos de 1970 até início dos anos de 1990.

O conto, enquanto estilo de narrativa, ganhou mais espaço a partir dos anos de 1970, especialmente, entre os países latino-americanos. De acordo com Júlio Cortázar, nos anos de 1980, justamente por ser um gênero recente, ainda não havia características ou princípios definidos (ALAZRAK, 1999, p. 350-352). Quando Guido Alcalá começou a escrever contos, esse estilo estava em formação no cenário literário latino-americano. Nesse sentido, compreendo que Alcalá buscou inserir o Paraguai em um movimento maior, ao se dedicar a um gênero moderno, além de escrever artigos sobre a literatura paraguaia contemporânea.

Ao mesmo tempo em que o conto alcançava mais adeptos, esses escritores conviviam com ditaduras militares, as quais influenciaram nos temas escolhidos. Importante considerar que explicação alguma será capaz de responder o que levou o escritor a escrever. Importa investigar como o conto explora o cotidiano em seu enredo, o que inspira quem o lê. Sobre isto, Júlio Cortázar, faz uma comparação da literatura com a fotografia, enquanto arte (ALAZRAK, 1999, p. 351). Para ele, a fotografia faz recortes da realidade, mas não é fechada em si mesma. O indivíduo que a olhar pode ter diversas sensações ou compreensões a partir da imagem que vê. Com os contos não seria diferente, pois, estes são escolhidos primeiramente a partir da vivência do escritor, dos seus interesses e de seus sentimentos.

Para Guido Alcalá, o conto foi um espaço de manifestação, de protesto, de engajamento, possibilitando explorar tematicamente o descaso que a censura paraguaia tinha para com esse gênero (e a cultura de maneira em geral), já que esse estilo era considerado desprovido de características da realidade, romanceado e sem segundas intenções (ALCALÁ, 2008). Não se trata apenas de ler o repertório literário de Guido Rodriguez Alcalá como repositório de resquícios de alguns fatos, mas pensá-lo como espaço de ruínas sobre o Paraguai, sobre uma história oficial mal contada e que deixou muitos de seus personagens à

margem. A memória percebida na obra de Guido Alcalá é de resistência. Os contos e os outros textos demonstram alternativas para aqueles que ficaram mais limitados e não podiam escrever/ler como antes jornais, livros, revistas vendidas em bancas, censurados porque não representavam os interesses do Estado. A escrita de Alcalá denuncia crimes que foram cometidos em nome do Progresso do país; é uma literatura que desencadeou imagens, gestos e sentidos de fatos que foram negados ou deixados de lado propositalmente.

Tais relações podem ser observadas no conto *La sesión de la OEA* (ALCALÁ, 1987), por exemplo, a partir de alguns elementos extrínsecos ao texto, no qual posso compreender que há uma crítica à interferência dos Estados Unidos na política paraguaia. Além disso, o mesmo pode ser analisado no conto *Cartas no necesariamente escritas*, no qual uma universitária dos Estados Unidos, cuja bolsa de estudos tem o propósito de compreender como se formaram as ideias e as histórias dos partidos políticos paraguaios, viaja para o país latino-americano. A universitária, estrangeira, caracteriza a situação política do país como tranquila – nesse caso, ignorando o estado de ditadura – e ainda caracteriza-o como atrasado, sem ideologias políticas e critica a denúncia feita por estudantes durante a visita de Nelson Rockefeller:

Cierto que el *record* político de Presidente Stroessner no es impecable; pero tampoco lo ha sido el de ningún gobernador paraguayo nunca. Si él se mantiene en el poder desde 1954 y mediante elecciones, es porque tiene apoyo popular. [...] La oposición todavía se muestra renuente a participar en el diálogo político, sin embargo, pienso que terminará haciéndolo, y que Paraguay entrará en una etapa de mayor modernización política [...] Después de algunos discursos inconsistentes, los estudiantes quemaron una bandera norte-americana³.

É possível perceber como no texto há a denúncia da imagem democrática que o Paraguai estaria passando ao mundo. Evidente que a passagem de Nelson Rockefeller em 1969 no país, mas que no conto publicado em 1987, o narrador volta ao ano de 1954, me permite sugerir que a bandeira dos Estados Unidos queimada durante a mobilização, representa o apoio – ou intromissão – dado pelo país desde os anos de 1930 aos governantes paraguaios. Não obstante, é possível retomar à própria experiência de Guido Alcalá que foi preso durante essas manifestações. Não pretendo justificar a escrita à biografia de Alcalá, mas

³ ALCALÁ, Guido R. Op. cit., 1987, p. 101. Certo que o recorte político do presidente Stroessner não é impecável, mas tampouco tem sido o de nenhum governador paraguaio. Se ele se mantém no poder, desde 1954 e mediante eleições, é porque tem apoio popular. [...] A oposição todavia se mostra relutante a participar no diálogo político, sem dúvida, peno que terminarão fazendo-o, e que Paraguai entrará em uma etapa de maior modernização política. [...] Depois de alguns discursos inconscientes, os estudantes queimaram a bandeira norte-americana. (ACALÁ, 1987, tradução nossa)

proponho que a literatura representa parte dessa realidade – jogo no qual a realidade e a ficção alimentam-se mutuamente, tornando-a ainda mais significativa. No trecho é possível verificar que a vulnerabilidade política tão comum no país é lembrada pela estudante com a intenção de comparar com o tempo em que Alfredo Stroessner estava no poder, ou seja, se aquele presidente permanecia no posto ocupado, mediante eleições diretas, é porque seu governo era melhor em relação ao anterior. Além disso, por meio da personagem percebo o modo como o discurso de modernização geral do país difundida durante o governo de Stroessner é construído e, ao mesmo tempo, refutado pelos estudantes (ALCALÁ, 1987, p. 99-104).

De acordo com o historiador Claiton Silva, Nelson Rockefeller destacou-se na política norte-americana ainda nos anos de 1930, quando a economia do país recuperava-se da Crise de 1929 (SILVA, 2013). A principal iniciativa do governante foi atuar em duas agências de pesquisa em agricultura e petróleo, como representante do governo e por iniciativa particular, já que sua família mantinha a exploração do petróleo na Venezuela (SILVA, 2013). Sua figura há muito era conhecida na América Latina, tendo circulado por diversos países como uma representação do imperialismo norte-americano, especialmente nos anos de 1960, apoiando as ditaduras militares do Cone Sul. Nesse sentido, a manifestação contra a presença de Rockefeller é contundente, visto que representava a falta de autonomia política paraguaia.

Nos contos *La sesión de la OEA* e *Cartas no necesariamente escritas*, portanto, há a ênfase no apoio dos Estados Unidos às ditaduras militares na América Latina, um acontecimento real, como já mencionado anteriormente. No conto, a indiferença da estudante norte-americana em relação ao que se passava no Paraguai é evidente quando repudia o ato dos estudantes, ação bastante significativa, se pensarmos de onde a personagem é proveniente e qual o propósito de sua estada no país. Entretanto, se as eleições eram diretas mantendo Stroessner “legitimamente” no poder, por que os questionamentos levantados por aqueles estudantes não estariam sendo bem vistos ou considerados?

Em relação ao contexto, Alfredo Stroessner criou diversas estratégias a fim de conter as revoltas populares para manter sua supremacia. Para tanto, a *Ley de Defensa de la Democracia*, (COLMÁN; MORAES, 2011, p.5) criada em 17 de outubro 1956 foi fundamental, pois aqueles que praticassem qualquer ato considerado inadequado aos interesses ditatoriais poderiam ser considerados comunistas, motivo suficiente para serem encarcerados, em especial, se lembramos que os golpes civis ditatoriais desse contexto se afirmaram no poder alegando um combate à ideias e aos possíveis “golpes” que as esquerdas políticas vinham tentando. A *Ley de Defensa de la Democracia* ainda possibilitava implantar

o *estado de sitio*, o qual estava previsto na Constituição paraguaia desde 1940, ações efetivas do Partido Colorado⁴ (COLMÁN; MORAES, 2011, p. 5) para identificar, punir e enviar para a prisão ou para o exílio aqueles que se colocassem contra as ações do governo. Em vista disso, é certo que haveria poucas pessoas se manifestando contra o governo, como também a credibilidade daqueles era bastante refutada em face às propagandas do governo, que salientavam a modernização notável no país, ao crescimento econômico, entre outros pontos levantados, o que justifica a indiferença ou incredulidade da estudante norte-americana.

O ambiente prisional é evidenciado em *Memorias de una sindicalista* (1950-1975), no qual o narrador descreve uma mulher que, após anos de luta por direitos trabalhistas e pela liberdade de expressão acabou presa (ALCALÁ, 1990, p. 111-114). Sobre esse contexto, Evaristo Colmán e Ceres Moraes afirmam que a repressão aos/às trabalhadores/as foi reforçada ainda na década de 1950, já que aconteceram revoltas para protestar contra os salários congelados e o aumento dos preços dos alimentos que formavam a cesta básica paraguaia (COLMÁN; MORAES, 2011, p. 7), atos que desmentiam o “progresso” econômico do país.

Mais que uma manipulação direta do governo no trabalho dos sindicatos, havia nesse contexto grande influência da Igreja Católica. De acordo com Ceres Moraes, no *Paraguai: a Igreja apoiou a ditadura de Alfredo Stroessner desde o seu princípio, perdendo força ao longo das décadas. A relação entre a Igreja e o Estado era bastante próxima, pois, como afirma a historiadora, para que um governador assumisse o seu mandato não somente deveria fazer o juramento tendo o aval da Igreja, mas também ser membro professo da Igreja Apostólica Romana, prática firmada pelo Constituição de 1940, estabelecida em seu art. 46 (MORAES, 2000). O interesse era mútuo. Enquanto o governo tinha na Igreja uma disseminadora de seus ideais, pelos quais Stroessner associava a ideia de Pátria ao Cristianismo, também colaborava na escolha de sacerdotes e bispos; a Igreja, por sua vez, tinha a manutenção de suas congregações oficialmente garantida.*

Não obstante, de acordo com Ceres Moraes ao menos duas vezes a Igreja recebeu dinheiro do governo. A primeira foi justamente em uma crise provocada pela ação de sindicatos, no ano de 1958, a Confederación Paraguaya de Trabajadores (COLMÁN; MORAES, 2011, p. 7). Nesse contexto, Stroessner fez a doação de cem mil guaranis à Imaculada Concepción, gesto muito semelhante a outro ocorrido – por meio do decreto nº 3.045 – em março do ano seguinte, quando outra possível greve estava iniciando. É possível

⁴ Partido oficial da Ditadura Militar Paraguuaia. Ibidem.

analisar, por meio do trabalho da historiadora, que houve um ato de calar e de convencer a população revolta justamente para que esta não buscasse os seus direitos ou evidenciasse a falta deles.

Além disso, é importante observar que o ambiente universitário vivido por Alcalá ao fim da década de 1960, ou seja, de contestação em um local católico, não é o mesmo que se tem da Igreja Católica ao fim dos anos de 1950. A própria ação de freiras, de freis e da Teologia da Libertação diferenciaram dessas condições, especialmente a partir do fim da década de 1950. Ceres Moraes cita o caso do padre Talavera⁵, que em 1958 chamava aos trabalhadores à greve, para a conquista dos seus direitos de igualdade, liberdade e de expressão. Semelhante a esse contexto é a época narrada no conto *Memorias de una sindicalista*. Neste, a sindicalista, como é chamada durante a narrativa, saiu do Partido Colorado – após 12 anos de filiação – no fim da década de 1970, quando percebeu que os direitos trabalhistas não seriam atendidos, assim como, após a sucessão de vários acontecimentos e de manifestações frustradas, notou que o governo – ou a ditadura – não apenas deixava de atender às reivindicações apresentadas pela população, mas também não permitia que ela e outros/as se manifestassem. Posso compreender dessa leitura que há uma contestação dos direitos trabalhistas que foram publicados na década de 1960, quando o regime stronista fortaleceu-se por meio dos sindicatos trabalhistas, os quais se tornaram lugares de propagações das ideias do partido “Colorado” e também colaboraram para frear as reivindicações e manifestações que estavam ocorrendo nessa época (COLMÁN; MORAES, 2011), não sem a força/influência da Igreja Católica.

Em relação ao conto é possível perceber nele o cotidiano das celas, da higiene, as torturas e, embora as condições das cadeias fossem péssimas, as detentas – unidas – conseguem o apoio da Cruz Vermelha e da Igreja Católica, além de garantir o direito das visitas e de não serem constrangidas durante a revista íntima. Conquistam ainda direito a banhos de sol, prática tão requisitada quando se vive em uma cela pequena, lotada e suja, tais como os ambientes carcerários das narrativas de Alcalá (ALCALÁ, 2008). Importante considerar que a Igreja Católica, como já afirmado, tem diversos setores, entre eles, o da Teologia da Libertação, ou mesmo ordens de freis e freiras que não foram coniventes. Além disso, ao fim da década de 1970, o caráter cruel do governo de Stroessner já era evidente e,

⁵ Padre Talavera, em 1958, liderou uma manifestação pública, que reuniu cerca de duas mil pessoas, pedindo liberdade de expressão e dos presos políticos. Dias depois o padre foi chamado para esclarecimentos, a partir dos quais a Igreja recusou o apoio a ele e transferiram-no ao Uruguai. MORAES, Ceres. Op. cit., 2000.

talvez, seja por isso que a narrativa mencionada traz uma Igreja mais generosa ou menos ditatorial.

As condições de prisão verificadas no conto mostram um Paraguai com sérios problemas econômicos em que camponeses, muitas vezes analfabetos, não estavam ligados a nenhuma organização, mas acabavam presos. Entretanto, embora a sindicalista estivesse presa, alcança um “status” de comando e de resistência, mesmo tendo sido deportada para o Brasil:

Tres días hice huelga de hambre y después me metieron en una camioneta de policía y me llevaron a la Argentina pero los gendarmes dijeron que no querían recibir-me y entonces volvemos a Asunción y al pasar por puente sobre el río Paraguay me dicen que me van a tirar y la verdad entre los dos y yo creí que me tiraban pero después me meten en otro vehículo y me llevan al Brasil. [...] Y el oficial brasileiro me dice que tengo que hablar con el comisario y mientras tanto me dan un colchón roñoso para pasar la noche y entonces me doy cuenta de que están de acuerdo el Paraguay y el Brasil...⁶

Este conto sugere ainda a ligação que havia entre as ditaduras militares do Cone Sul – fato também apontado por Ceres Moraes e Evaristo Colmán (COLMÁN; MORAES, 2011). Os pesquisadores apontam haver uma aliança entre os exércitos, com o objetivo de manterem sua hegemonia e vigilância, até mesmo por meio de presos/as deportados/as e da prática do exílio. Segundo Ceres Moraes e Evaristo Colmán, o regime stronista contou desde o princípio de seu governo com as intervenções dos Estados Unidos e do Brasil (COLMÁN; MORAES, 2011). De acordo com os autores, ao fim da década de 1930 as agências norte-americanas começaram a ser instaladas no Paraguai. Com os apoios dos governos brasileiro e norte-americano foram proporcionados também treinamentos antiguerrilhas e foram instituídas facilidades para a compra de armamentos.

Alain Rouquié afirma que correspondentes de jornais internacionais também eram filiados ao partido Colorado (ROUQUIÉ, 1984, p. 215), com o propósito de garantir que a imagem passada ao exterior fosse condizente aos interesses de Stroessner. Importante considerar ainda que foi nesse período que se formularam as táticas de *La Doctrina de Seguridad Nacional* (ROUQUIÉ, 1984, p. 215), as quais, em confluência com os Estados

⁶ ALCALÁ, Guido Rodriguez. Op. cit., 1990, p. 116. Três dias fizeram greve de fome e depois me meteram na caminhonete da política e me levaram à Argentina, mas a força militar disse que não me queriam receber e então voltamos à Assunção e ao passar pela ponte sobre o rio Paraguai me disseram que iam me jogar - e a verdade entre os dois - e eu acreditei que me jogariam, mas depois me meteram em outro veículo e me levaram ao Brasil. [...] E o oficial brasileiro me disse que tinha que falar com o responsável e, entretanto, me deram um colchão para passar a noite e então me dei conta de que estavam em acordo o Paraguai e o Brasil. (ALCALÁ, 1990, tradução nossa).

Unidos determinariam a ação da Operação Condor nos anos de 1970, entre outras estratégias, assegurando os interesses governamentais de Alfredo Stroessner. É importante lembrar que a Revolução Cubana foi desencadeada na década de 1950, o que serviu de respaldo para ações autoritárias de diversos países no Cone Sul sob a alegação de conter o avanço comunista.

Reflexões finais: perspectivas sobre a memória da ditadura de Stroessner

Entre a historiografia e o esquecimento, haveria um excesso de memória hoje? Seria o Paraguai o país do esquecimento somente porque suas publicações historiográficas não ocorrem a passos largos? Não há uma simples dualidade nem mesmo entre memória e esquecimento no Paraguai, visto que este apresenta uma larga produção memorialista, o que dificultaria o processo de esquecimento. Nesse caso, no “entre” a memória e a história há vários caminhos tortuosos, repletos de incertezas e dúvidas, especialmente por haver também a literatura no meio desses. A escrita carrega detritos. A escrita mira, aponta, situa e demarca lugares. Quando um escritor escreve ou um entrevistador fala declaramos que a narrativa está concluída. Nela está o melhor daquele que escreveu ou falou, a vida. Lá há uma sintonia entre pessoas, contexto, política e cultura. A memória também está lá, resta-nos tirar daquela obra o melhor dela: a sua memória e a sua relação com a história.

São muitas as obras de Guido Alcalá que podem ser analisadas. As publicações de Guido Alcalá representam um ciclo de sua vida, porém não estão fechadas em si mesmas, pois ao narrar muito do seu contexto e de tantos outros resta a memória. Esta também motiva a escrita, como um gesto que dá esperança. Esperança de dias melhores, de mais igualdade social, mas, principalmente, que não se apague da literatura ou mesmo da história a vivência de tantos personagens cujos sentidos estavam em rostos das esquinas paraguaias. A literatura de Alcalá só existe porque houve o desejo de registrar memórias no contexto paraguaio.

Referências Bibliográficas

- ALAZRAK, Jaime (Org.) *Obra crítica* (V. 2) Julio Cortazar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- BRAS, Luis. Crítica é cara ou coroa? In: _____. *Muitas Peles*. São Paulo: Terracota, 2011.
- CALLADO, Antônio. *Censura e outros problemas dos escritores latino-americanos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

COLMÁN, Evaristo; MORAES, Ceres. *A guerrilha da Fulna: considerações preliminares*. Disponível em: http://www.cedema.org/uploads/moraes_colman.pdf. Acesso em 06/01/2014. Acesso em 06/01/2015.

DONOSO, José. *Historia personal del “boom”*. Santiago de Chile: Alfaguara, 1998.

HEYMANN, Luciana. *O devoir de mémoire na França contemporânea: entre memória, história, legislação e direitos*.

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madrid: Siglo XXI, 2002.

MERCADO, Tununa. Testemunho. Verdade e literatura. In: GALLE, Helmut et all. *Em primeira pessoa: abordagem de uma teoria da autobiografia*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009, pp. 31-37.

MIRANDA, Aníbal. *Paraguay y la era de Stroessner*. Asunción: RP Ediciones.

MORAES, Ceres. *Paraguai: a consolidação da ditadura de Stroessner, 1954-1963*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

OBERTI, Alejandra. Contarse a sí mismas. La dimensión biográfica en los relatos de mujeres que participaron en las organizaciones político-militares de los ´70. in: CARNOVALE, Vera; LORENZ, Federico y PITTALUGA, Roberto (comps.). *Historia, memoria y fuentes orales*. Buenos Aires: CeDInCI Editores, 2006.

NICKSON, Andrew. El Régimen de Stroessner (1954-1989). In.: TELESCA, Ignacio. *Historia del Paraguay*. Assunción: Taurus, 2010, pp.265-294.

PIZARRO, M. Mar Langa. *Guido Rodríguez Alcalá em el contexto de la narrativa histórica paraguaya*. Tese (Tese em História). Universidad de Alicante, 2001.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SAGNES, SYLVIE. *Uma memória compartilhada: o romance francês da guerra civil, do êxodo e do exílio espanhóis*. Florianópolis: 2011. Artigo inédito que está sendo traduzido pela Prof.^a Dra. Joana Maria Pedro.

SARLO, Beatriz. *A paixão e a exceção*: Borges, Eva, Montoneros. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, Claiton M. Nelson Rockefeller e a atuação da American International Association for Economic and Social Development: debates sobre missão e imperialismo no Brasil, 1946-1961. *Revista História, Ciência, Saúde-Manguinhos*. Rio de Janeiro: vol. 20, n. 4, Oct./Dec. 2013

SEIXAS, Jacy A. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004, pp.37-58.

VIDAL, Paloma. *A História em seus restos: literatura e exílio no Cone Sul*. São Paulo: Annablume, 2004.

WELBACH, Evelin. El Paraguay exiliado: Memorias de la Resistencia 1970-1989 In.: *Anales de las jornadas de trabajo “Exilios políticos del Cono Sur en el siglo XX”*. Assunión: Universidad La Plata, 2012, p.1. Disponível em: b. Acesso em 10/01/2015.

RECEBIDO EM: 15/01/2016

APROVADO EM: 10/03/2016